

A FORÇA AÉREA

DE LUTO

1 — Capitão piloto-aviador José Luís Sherman de Macedo. 2 — Tenente pára-quedista Elvino Gaspar Aleixo. 3 — Aspirante António Simão Pereira. 4 — Sargento-ajudante Eleutério Camilo Soares Cabelo. 5 — 2.º sargento José Venâncio Barroso de Araújo. 6 — 2.º sargento António Manuel das Neves Gomes. 7 — 2.º sargento Raul Soares Barbeito. 8 — Furiel Vítor Manuel Costa Fernandes. 9 — 1.º cabo 399/Rd Brás Sousa Barroso. 10 — 1.º cabo 557/Rd Armando Gaspar Fernandes. 11 — 1.º cabo 969 EP José Fernandes Marques da Silva. 12 — 1.º cabo 327/Rd Carlos Nuno dos Santos Machado.



UMA JORNADA DE LUTO PARA A FORÇA AÉREA PORTUGUESA, UMA JORNADA DE LUTO PARA O PAÍS. QUIS A CRUELDADE DO DESTINO QUE VALENTES MILITARES, VENCEDORES DA GUERRA OCULTA E CHEIA DE CILADAS DE UM INIMIGO TRAIÇOEIRO, FOSSEM PERECER NA QUEDA DE UM DC-4 QUE OS HAVERIA DE TRAZER A MAE-PÁTRIA. COM ESTES, FICARAM TAMBÉM PARA SEMPRE NA MATA DE COQUEIROS SANTOMENSE RAPARIGAS NA FLOR DA VIDA E QUE FORAM DAR À GENTE BOA DE ANGOLA E MOCAMBIQUE O GRÁCIL ENCANTO DA SUA PRESENÇA. TRATA-SE DO SEGUNDO GRANDE DESASTRE OCORRIDO NA NOSSA FORÇA AÉREA DEPOIS QUE AS CIRCUNSTÂNCIAS IMPOSTAS PELA DEFESA NACIONAL A OBRIGARAM, NUM ESFORÇO GIGANTESCO, A MANTER CONSTANTES E RÁPIDAS LIGAÇÕES AEREAIS ENTRE A METRÓPOLE E O NOSSO ULTRAMAR AFRICANO.

É UMA JORNADA DE LUTO PARA A FORÇA AÉREA PORTUGUESA E PARA A NAÇÃO INTEIRA. ELA ASSINALARÁ, ENTRE MUITOS E MUITOS OUTROS, MAIS UM SACRIFÍCIO DE SANGUE DA GENTE LUSITANA NA DEFESA DAQUILO QUE É SEU — E BEM SEU.

PAZ PARA AS ALMAS DOS QUE MORRERAM, MILITARES E CIVIS. E QUE O ÂNIMO AJUDE OS SOBREVIVENTES A VENCER SEUS SOFRIMENTOS E SUAS DORES.

(Do «Diário Popular»)

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MÁRIO NEVES

TELEF.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

EXPLODIU UM AVIÃO da Força Aérea Portuguesa pouco depois de levantar voo de S. Tomé

18 MORTOS
(militares e civis)
14 SOBREVIVENTES

S. TOMÉ, 23. — Esta madrugada deu-se um grave desastre com um avião quadrimotor da Força Aérea Portuguesa, pouco depois de levantar voo do aeroporto desta ilha. Há 18 mortos, entre os quais figuram militares e civis que viajavam como passageiros. Seguiram para o local brigadas de socorro, que recolheram 14 sobreviventes.

O avião DC-4 da F. A. P., que aterrara cerca da 1 hora no Aeroporto Salazar, vindo de Luanda, levantou voo duas horas depois, com rumo á Guiné, mas passados alguns momentos ouviu-se uma forte explosão seguida de um grande clarão e de uma confusa e trágica gritaria, que cortava o silêncio da noite. Da torre do aeroporto haviam, entretanto, observado que o quadrimotor, depois de levantar voo, apagou as luzes de bordo e, após alguns momentos, voltou a acender os holofotes, parecendo que procurava local para aterrar. Foi logo em seguida que se ouviu a explosão, o que leva a supor que, tendo perdido altura, tenha batido contra uma árvore e perdido o equilíbrio.

Dado o alarme, partiram ime-

diatamente desta cidade viaturas com pessoal militar e dois médicos. Após algumas pesquisas, foi localizado o avião caído numa densa plantação de coqueiros da roça Boa Entrada, entre as dependências Agua Casada e a praia. O avião continuava a arder numa enorme clareira de 200 a 300 metros de diâmetro que abrira entre os coqueiros.

Foram encontrados catorze sobreviventes, que foram logo transportados em ambulancias para o Hospital Central, onde estão a ser tratados por nove médicos e pessoal de enfermagem.

O aparelho, que voava de Luanda para Lisboa, com escala nesta ilha e na Guiné, era comandado pelo capitão Sherman de Macedo e transportava 32 pessoas, entre tripulantes e passageiros.

No local, onde os destroços do aparelho arderam durante muito tempo depois do desastre, permaneciam as brigadas de salvamento, que, todavia, não encontraram mais sobreviventes. — (L.).

O avião da Força Aérea que caiu em S. Tomé abriu uma ampla clareira entre uma plantação de coqueiros

Dois sobreviventes civis e doze militares

LUANDA, 23. — Causou aqui profunda consternação a notícia do desastre ocorrido em S. Tomé com um avião da FAP que levantara voo desta cidade. Na angustiosa expectativa de mais pormenores, há pessoas que procuram afilivamente conhecer os nomes das vítimas e dos sobreviventes.

Foi já possível saber os nomes das pessoas que se salvaram e que são doze militares e dois civis. Os primeiros são: alferes João Oliveira Amaral e Francisco Costa Simões; 2.º sargento José Barroso Araujo; 1.º cabos José Dias Ribeiro e Avelino Almeida Gonçalves; e soldados Evaristo Dias Joaquim, José Rebelo Ferreira, Francisco Gonçalves

Marrafa, David Ferreira Costa, Carlos Carvalho Dias, Delfim Pereira e José de Sousa Leite. Os civis são Vitor Manuel Baptista e António Silva. — (L.).

Chegou a S. Tomé uma missão de inquérito

S. TOMÉ, 23 — Procedente de Luanda, chegou aqui um avião militar com uma missão encarregada de proceder a um inquérito ás causas do desastre do avião da F. A. P.

Os feridos, que foram conduzidos para o Hospital Central continuam a ser carinhosamente assistidos pelo pessoal médico e de enfermagem, que tem sido incansável. Apenas um dos feridos se encontra em estado muito grave. — (L.).

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFOS: 320271 a 320273, 321154 e 321155
ENDERECO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O COMUNICADO da Secretaria de Estado da Aeronáutica

«A Secretaria de Estado da Aeronáutica lamenta ter de informar que um dos seus aviões dal inha de Africa, em viagem de Luanda para Lisboa, sofreu

Da tripulação do avião:

Capitão-piloto-aviador — José Luís Shareman de Macedo; aspirante — Simão Pereira; sargento-ajudante — Eleutério Carlos Soares Cabelo; 2.º sargentos — António Manuel das Neves Gomes e Raul Soares Barbeito; furriel — Vítor Manuel Costa Fernandes, e 1.º cabos — Armando Gaspar Fernandes, José Fernandes Marques da Silva, Carlos Nunes dos Santos Machado e Brás Sousa Barroso.

Passageiros:

Tenente páraquedista Elvino Gaspar Aleixo e Manuela Duarte, Maria Amélia Pinto, Maria Odete Martins, Maria Odete Antunes, Maria Julia Sanches, Maria Filomena Bento e a filha do sobrevivente Vítor Manuel Baptista.

Os 14 sobreviventes que se encontram quase na totalidade livres de perigo são os seguintes:

Alferes mecanico de material de terra João Oliveira Amaral, alferes do S/G Francisco da Costa Simões, 2.º sargento José Barroso de Araujo, 1.º cabos José Vinhas Ribeiro e Ave-lino de Almeida Gonçalves; soldados Evaristo Dias Joaquim, José Rebelo Ferreira, Francisco Gonçalves Marrafa, David Pereira da Costa, Carlos Carvalho Mira, Delfim Pereira e José de Sousa Leite; e os civis Vítor Manuel Baptista e António Silva.

A Secretaria de Estado da Aeronáutica informa ainda que tão cedo tome conhecimento dos nomes e estado dos feridos emitirá comunicado mais pormenorizado.»

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MÁRIO NEVES

TELEF.: 32071 e 32073, 32114 e 32115
ENDEREÇO: TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 e 46 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 37, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

Morreram cinco «girls» do Teatro ABC uma das quais se recusara a ficar em Luanda para casar

LUANDA, 23 — Embora não se conheça ainda a lista completa das vítimas do desastre de S. Tomé já se sabe que morreram cinco «girls» da companhia do Teatro ABC, de Lisboa, que tinham andado em digressão por esta província. São elas:

Maria Amélia Pinto, Maria Odette Antunes, Maria Julia Sanches, Maria Odette Martins e Maria Filomena Bento.

Até á hora da saída do avião houve dúvidas sobre a partida da gentil Maria Odette Antunes, que tendo recebido uma proposta de casamento nesta cidade, se recusou terminantemente a ficar e

quis acompanhar as suas colegas na viagem, a que estava reservado tão trágico fim. — (L.).

Tristeza no Parque Mayer

A notícia do trágico acidente, levada por nós ao Parque Mayer, evidenciou bem os elos fraternos existentes no seio da gente que de qualquer modo vive ligada ao teatro. Mal se soube ali da morte das cinco Marias, todas coristas, todas companheiras de trabalho, verificaram-se cenas comoventes que bem demonstram a simpatia que gozavam as vítimas.

Todas as coristas mortas passaram pelos teatros ligeiros de Lisboa. A história de uma era a história de todas. Noites de cena, com duas representações — e elas correndo para os camarins, numa azáfama determinada pelas exigências de cada numero, uma cor garrida ou uma peça gaiata. Em todo o pessoal dos teatros tinham simpatias, desde o carpinteiro de cena á costureira que as enfeitava e ao electricista que lhes iluminava os gestos. Ao saberem do desastre, todos tiveram hoje uma palavra de tristeza ou uma lágrima de saudade.

Os militares que morreram no desastre

O capitão piloto-aviador José Luís Gouveia Sherman de Lemos Macedo, que pilotava o avião sinistrado, tinha apenas 30 anos, pois nascera em 10 de Julho de 1932. Incorporara-se na Força Aérea em 3 de Novembro de 1950 e fora promovido a alferes em 1 de Novembro de 1954, a tenente em 1 de Dezembro de 1956 e ao actual posto em 1 de Dezembro de 1958. Estava colocado na Base Aérea n.º 4, nos Açores, há menos de dois anos. Era um piloto bastante experimentado, com muitas centenas de horas de voo. Deixava viúva e duas filhitas de tenra idade.

O tenente pára-quedista Elvino Gaspar Aleixo contava 27 anos. Nascera em 1 de Novembro de 1935 e assentara praça, no Exército, em 16 de Outubro de 1955. Pertencia á arma de Infantaria e fora promovido a alferes em 1 de Novembro de 1959. Depois da criação do Batalhão de Caçadores Pára-quedistas, foi colocado, como adido, naquela especialidade da Força Aérea. Viajava no aparelho sinistrado como passageiro.



À esquerda, a infeliz «girl» Maria Odette Antunes, que, insistentemente convidada a ficar em Luanda, para contrair matrimónio, não aceitou a proposta e embarcou no último momento, para ter o mesmo destino trágico das companheiras



As «girls» que morreram no desastre (da esquerda para a direita e de cima para baixo): Maria Odette Martins, Maria Julia Sanches, Maria Amélia Pinto e Maria Filomena Bento

O segundo sargento Eleutério Camilo Soares Cabelo contava 29 anos. Nascera, em 18 de Julho de 1933 e incorporara-se na Força Aérea em 9 de Junho de 1952. Foi promovido a 1.º cabo em 8 de Julho de 1953, a furriel em 30 de Julho de 1954 e a 2.º sargento em 31 de Dezembro de 1957. Estava colocado na Base Aérea n.º 6, do Montijo.

O segundo sargento António Manuel das Neves Gomes nasceu em 12 de Março de 1938, contando, portanto, 24 anos. Incorporou-se em 19 de Dezembro de 1956 e fora promovido a 1.º cabo em 31 de Junho de 1958 e a furriel em 2 de Outubro do mesmo ano. Estava colocado na Base Aérea n.º 2, da Qta.

O segundo sargento operador radiotelegrafista Raul Soares Barbeito tinha 33 anos. Nascera em 7 de Dezembro de 1928 e incorporara-se na Força Aérea em 1 de Janeiro de 1954, com o posto de 1.º cabo. Fora promovido a furriel em Junho de 1956 e a segundo sargento em 31 de Dezembro de 1958. Achava-se colocado na Base Aérea n.º 4, nos Açores.

O furriel Vítor Manuel Costa Fernandes, que se encontrava também colocado na Base dos Açores, tinha 28 anos. Nascera em 8 de Abril de 1934 e incorporara-se em 16 de Dezembro de 1952. Foi promovido a primeiro cabo em 13 de Março de 1954 e a furriel em 1960

O primeiro cabo Armando Gaspar Fernandes, operador radiotelegrafista e radarista de aeronáutica, contava 23 anos, pois nascera em 11 de Outubro de 1939. Incorporara-se em 4 de Fevereiro de 1958 e fora promovido ao actual posto em 21 de Março de 1959. Estava igualmente colocado na Base Aérea n.º 4.

O primeiro cabo mecânico de material aeronáutico Carlos Nunes dos Santos Machado, que fazia também parte do quadro do pessoal da Base Aérea dos Açores, nascera em 23 de Fevereiro de 1935, contando, portanto, 27 anos. Incorporara-se na Força Aérea em 10 de Abril de 1956 e fora promovido a primeiro cabo em 7 de Setembro de 1957.

O primeiro cabo Brás de Sousa Barroso, mecânico de material aeronáutico, tinha 24 anos. Nascera em 26 de Julho de 1938 e incorporara-se na Força Aérea em 17 de Setembro de 1957, sendo promovido a primeiro cabo em 28 de Junho de 1958. Achava-se igualmente colocado na Base Aérea n.º 4.

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 30271 e 30272, 31254 e 31255 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO EDIFICIO TELEGRAFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 e 42 — LISBOA PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA BOA, 25, 27 EDITOR — J. CHEROSTOMO DE SA N.º 10000 AVULSO: UM ESCUDO

OS CORPOS DAS VÍTIMAS DO DESASTRE ONTEM OCORRIDO EM S. TOMÉ foram retirados dos destroços do avião

O LOCAL DO DESASTRE

O quadrimotor da Força Aérea Portuguesa, que ontem caiu, pouco depois de levantar voo do aeroporto de S. Tomé, abriu uma ampla clareira na densa plantação de coqueiros da roça Boa Entrada. A nossa gravura dá um aspecto dessa plantação no local do desastre, onde ficaram inutilizados centos de coqueiros, o que afecta também a produção daquela propriedade.



S. TOMÉ, 24.—O governador da província, acompanhado pelo pessoal do gabinete, deslocou-se ao local do desastre e visitou, mais tarde, os feridos hospitalizados, inteirando-se do seu estado.

Já se encontram em S. Tomé os membros da comissão de inquérito, chefiada pelo tenente-coronel Queirós, que visitaram o local do desastre.

O agente da P. I. D. E. Vitor Manuel Baptista foi dos sobreviventes que deve ter sofrido a maior tragédia, pois viajava acompanhado de uma filha, de 3 anos, que tentou salvar desesperadamente. Ao dar-se o desastre, procurou, por todas as formas, retirar a filha com vida dos destroços mas nada conseguiu. Sofreu, então, profundas queimaduras e grande abalo moral, ao presenciar a agonia da filha. Sucumbiu devido aos graves ferimentos sofridos, momentos antes de ser transferido para Luanda, mas nada conseguiu. Sofreu, então, profundas queimaduras e grande abalo moral, ao presenciar a agonia da filha. Sucumbiu devido aos graves ferimentos sofridos, momentos antes de ser transferido para Luanda.

Hoje, de manhã, foram retirados do avião, no local do desastre, os corpos dos mortos. Depois de identificados, foram encerrados em urnas, que seguiram para a casa mortuária do Hospital Central, onde aguardam destino. Mãos piedosas cobriram-nas de flores.

Em sinal de luto não haverá hoje espectáculos na cidade.

As ultimas notícias dizem que o sargento Barroso Araujo está a registar ligeiras melhoras.—(L.).

O estado de um dos feridos ainda é considerado grave

Causou a maior impressão em todo o País o dramático acidente ocorrido, na madrugada de ontem, com um avião da Força Aérea Portuguesa, em S. Tomé, no qual perderam a vida onze militares e oito civis e ficaram feridos nove passageiros, um dos quais se encontra em estado grave.

O brutal desastre, que se registou dois minutos depois de o aparelho levantar voo do aeroporto de S.

Tomé, onde fizera escala para se reabastecer, transportava, como dissemos, dez tripulantes e vinte e dois passageiros. A tripulação do «Skymaster» sinistrado era constituída por cinco militares, mas, em virtude de ter de fazer uma viagem longa, fora reforçada com mais cinco homens. Todos eles estavam, actualmente, em serviço na Base Aérea n.º 4, dos Açores, à excepção do piloto, capitão Shaerman de Macedo, que se encontrava colocado na Base Aérea n.º 1, da Portela. Dos passageiros, treze eram militares e vinham à Metrópole, em gozo de férias. Quatro saíram ilesos, um morreu e os restantes oito ficaram feridos. A sorte, porém, foi adversa a todos os passageiros civis, que tiveram morte imediata: cinco «girls» do Teatro ABC e a encarregada do guarda-roupa da companhia; e um agente da P. I. D. E. e sua filha, de três anos.

Chegou a Lisboa um estudante que ontem esteve em S. Tomé

Esta manhã, a bordo de um avião militar, pilotado pelo sr. tenente-coronel Rangel de Lima, chegou a Lisboa o estudante sr. Cerqueira da Rocha, que passou ontem por S. Tomé, horas depois de o «Skymaster» se ter despenhado.

Falando ao jornalista, o sr. Cerqueira Rocha disse que voou sobre o local onde se deu o acidente, quando viajava da ilha do Príncipe para S. Tomé. Teve, assim, oportunidade de ver os destroços do avião, as palmeiras derrubadas e a terra revolvida. O aparelho, segundo viu, estava reduzido a um monte de destroços: ferros torcidos, chapas enegrecidas e cinzas...

Assim que aterrou em S. Tomé, onde a consternação da população era grande, aquele estudante teve conhecimento de que um avião militar acabara de levantar voo, com destino a Luanda, transportando oito dos feridos. O outro, o segundo sargento José Barroso de Araujo, teve de ficar no Hospital de S. Tomé, em virtude da gravidade do seu estado. Os feridos transferidos para Luanda, encontram-se, na maioria, feridos sem gravidade, apresentando ligeiras queimaduras.

Oito dos feridos do desastre em S. Tomé estão hospitalizados em Luanda

Como se teria dado o desastre

O «Skymaster» sinistrado, instantes depois da descolagem e por motivos ainda não determinados, sofreu uma avaria e bateu com a asa direita no solo, acabando por cair todo, desse mesmo lado. Por isso, os passageiros que se encontravam desse lado, ficaram logo feridos e morreram em consequência da explosão. Entretanto, os restantes passageiros, que seguiam no lado esquerdo, desapertaram os cintos e conseguiram abandonar o aparelho, através da porta, que, devido ao acidente, se abriu. O agente da P. I. D. E. Vitor Manuel Baptista, porém, permaneceu ainda a bordo, procurando salvar a sua filha, que seguia do outro lado. Já ligeiramente ferido, ao desapertar o cinto da filha, foi então atingido pela explosão, sofrendo graves queimaduras, que lhe causaram a morte, apesar dos esforços dos médicos do Hospital de S. Tomé.

Os corpos virão para a Metrópole

As urnas com os restos mortais dos dezanove mortos serão em breve transportadas para a Metrópole, a fim de se realizarem os funerais, para as terras da naturalidade das vítimas.

Os feridos, assim que se encontrarem em estado que permita a viagem, virão, também, para Lisboa.

A chegada dos sobreviventes a Luanda

LUANDA, 24 — A população desta cidade viveu com a maior consternação o dramático desastre registado com um avião da Força Aérea, em S. Tomé.

Muitas centenas de pessoas concentraram-se, junto da Base Aérea n.º 9, quando chegou a Luanda o avião militar que trouxe de S. Tomé os sobreviventes.

As autoridades impediram qualquer contacto com os feridos, quer aos jornalistas, quer às famílias das vítimas.

Os feridos não foram transportados para o hospital, ficaram internados na enfermaria daquela base aérea.

O estado dos feridos, segundo um comunicado divulgado esta manhã, é satisfatório, excepto o do segundo-sargento José Barroso de Araujo, que teve de ficar no Hospital de S. Tomé, e o do soldado n.º 115/61, Carlos Carvalho Mira, que se encontra em Luanda em estado grave.

No mesmo avião viajaram, além de oito dos feridos, os quatro militares que saíram ilesos. — (L.).